

E SE FOSSE VOCÊ?

TROCAR DE PAPEL E SE COLOCAR NO LUGAR DO OUTRO PODE SER A MELHOR FORMA DE APRENDER

Por Aline Lilian dos Santos

Já imaginou deixar sua rotina de lado por um dia e trabalhar em outra profissão? Você poderia vender doces na rua, ajudar na lavoura, ser operário em uma fábrica, lavar ônibus, abastecer carros, ser porteiro ou segurança de um prédio, garçonete de um bar, motoboy, faxineira de um hospital... O que você escolheria?

No dia-a-dia, lidamos com diversos tipos de profissionais que enfrentam diferentes dificuldades e desafios em suas funções, mas raramente nos perguntamos como deve ser a rotina dessas pessoas.

Para expor os estudantes a cenários de diversidade cultural e social, permitindo-lhes viver diferentes situações de trabalho, a professora Débora Ferreira Leite, que leciona a disciplina Psicologia II para o 3º semestre de graduação em Administração de Empresas da EAESP, aplicou um método chamado Observação Participante. "Achei interessante que eles pudessem observar e experimentar, por um dia, alguma atividade que não escolheriam como

FOTOS: ARQUIVO ALUNOS



Lucas Andrade e Jonathan Majoni foram trabalhar na lavoura,
Luisa Nascimento viveu um dia como garçonete e Beatriz Zilli foi ajudante em uma fazenda

carreira, expondo-se às reais condições dessa função. É uma imersão", explica a professora sobre a técnica aplicada.

A proposta se explica pelo fato de permitir que os alunos tenham contato com a alteridade em diversos tipos de atividade, já que nessa matéria não se discute apenas a função do administrador, mas também como acontecem as relações de trabalho, o sofrimento no ambiente profissional e os mecanismos de defesa diante dessas situações. A intenção é proporcionar ao jovem uma maior gama de experiências, possibilitando que ele se coloque no lugar do outro e olhe para outras profissões de modo diferente.

VIVER PARA APRENDER

Dentre as atividades escolhidas pelos alunos estão: trabalhar na portaria, na fazenda, na fábrica, no escritório (tirando cópia de documentos), como faxineira, boleiro, garçonete,

FOTO: ARQUIVO ALUNOS



Priscila Ueda, Aline Delgado e Marília Retti

> Nossa função foi lavar ônibus. O sofrimento começa pela roupa, que é bem pesada e desconfortável. Tínhamos que esfregá-lo com uma vassoura, mas eu quase não alcançava, porque era bem alto. Para enxaguar, usamos uma mangueira com um jato de água muito forte; eu não conseguia segurá-la nem movimentá-la direito e fiquei com muita dor no braço. Além disso, caía uma chuva absurda, o que prejudicou o trabalho. Não é uma tarefa tão simples, é preciso ter preparo, não só físico, mas mental e emocional, porque não tem novidade nem traz perspectiva de crescimento.
>
> *Aline Delgado, aluna de Administração de Empresas na EAESP*

> Fui desencartador de jornal em uma gráfica. Eu tinha que separá-los em duas pilhas diferentes, já que estavam um dentro do outro. É um trabalho muito chato, repetitivo, em que me senti muito isolado, porque tínhamos que usar protetores de ouvido devido ao barulho das máquinas. Também fiquei em pé durante horas e tive muita dor na coluna e nas pernas. Além disso, o trabalho é feito durante a madrugada, quando o jornal é montado.
>
> *Felipe Pagliato, aluno de Administração de Empresas na EAESP*

frentista, manicure, auxiliar de Pet Shop, entre outras. "Em geral, eles selecionam algum trabalho relacionado à empresa da família ou de amigos, o que é mais prático de articular", completa a professora.

Segundo Débora, esse método tem rendido bons resultados, pois, além de gerar a capacidade de se colocar no lugar do outro, faz com que os alunos – que ainda não têm experiência profissional – comecem a interpretar as situações de trabalho levando em consideração as pessoas e os aspectos que impactam no dia-a-dia delas. Passam a ser analisados pontos como as dores de quem trabalha o dia inteiro em pé ou fica exposto ao frio e à chuva, o risco de contrair uma doença ao coletar lixo ou material contaminado, a solidão e a indiferença enfrentadas pelos profissionais que sequer são notados durante suas atividades..."É muito interessante como os estudantes voltam da experiência. Por exemplo, após viverem um dia como porteiro – por quem passam todos os dias e, muitas vezes, não o percebem – passam a enxergá-lo de forma diferente. Outros estudantes trabalharam em uma fábrica, onde o barulho é intenso e as condições nem sempre são as melhores. Eles não tinham noção de como são essas realidades".

Para a professora, essa prática fará diferença na hora de entender e lidar com as pessoas e na formação dos alunos como sujeitos: "É importante levar as pessoas em consideração em uma empresa e, para entendê-las, é preciso conhecê-las, não só como indivíduos, mas no contexto social, econômico, político e histórico em que estão inseridas, pois são reflexos dessas influências. Por isso é importante que os alunos vivam isso".

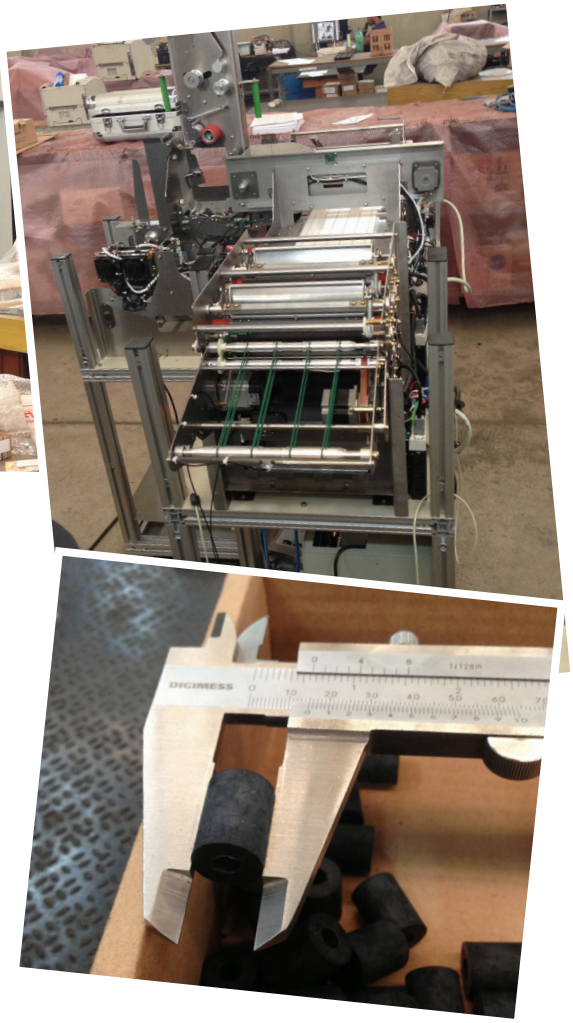
COMPARTILHANDO A EXPERIÊNCIA

A atividade acontece em várias etapas. Primeiramente, o aluno escolhe uma profissão – isso é feito individualmente para que cada um crie sua visão sobre a vivência. Depois ele entrega um relatório descritivo, colocando suas impressões sobre a experiência, como se estivesse imerso no cenário. O estudante

FOTO: ARQUIVO ALUNOS



Luiz Gustavo à esquerda na imagem



> Trabalhei em uma fábrica que produz equipamentos para caixa eletrônico. Fiquei na parte de controle de qualidade e minha função era colocar cilindros em um paquímetro e verificar se tinham o tamanho mínimo exigido para serem utilizados. No começo você fala: 'Isso é moleza!', mas depois se torna muito cansativo e repetitivo (chegou uma hora em que eu colocava duas peças ao mesmo tempo para acabar mais rápido). Senti bastante dor no ombro e nas costas, isso porque fiquei sentado! Tirando o calor, que era insuportável. Sentia vontade de fugir dali. Essa situação reflete bem o que é sofrimento no trabalho.
>
> *Luiz Gustavo Eburneo, aluno de Administração de Empresas na EAESP*

também pode inserir suas percepções a respeito de outras pessoas envolvidas no contexto, como funcionários, colegas de trabalho e clientes. Depois, os alunos se reúnem em grupos e trabalham nas atividades vivenciadas para compor um blog, vídeo ou outra peça final, que deve articular as experiências com os conceitos vistos em sala de aula. Na primeira vez que a atividade foi realizada (1º semestre de 2013), os alunos elaboraram um blog e, nas duas seguintes, um documentário.

Dessa forma, é possível avaliar, disseminar e compartilhar com outras pessoas o conhecimento adquirido na Observação Participante.

PRIMEIRO A PRÁTICA, DEPOIS A TEORIA

Diferentemente de alguns métodos que apresentam primeiro a parte teórica e depois a prática, nessa disciplina os conceitos são trazidos após os estudantes realizarem a pesquisa de campo. Segundo Débora, a teoria é mais bem absorvida depois que os jovens vivenciam a experiência: "A ideia é colocá-los em contato com uma realidade que não conhecem para que possam interpretá-la. Até então, não tem teoria, eu quero a prática. Depois apresento os conceitos, que ficam mais claros na medida em que já observaram e viveram aquilo. Assim faz mais sentido para eles".

Além disso, um dos objetivos desse modelo é despertar o senso crítico para que os alunos possam refletir sobre o que foi visto, de modo que a professora apresenta mais questionamentos do que respostas. "A intenção é que eles não se conformem e não achem que as coisas são assim mesmo", conta Débora.

CONFIRA ALGUNS TRABALHOS QUE MOSTRAM AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELOS ALUNOS:





BLOG
O TRABALHO
HUMANO



FOTOS:
ARQUIVO ALUNOS

Beatriz Zilli trabalhou pesado na fazenda

MAS E OS ALUNOS, APROVAM?

Quando questionada sobre a receptividade dos alunos em relação à Observação Participante, Débora diz que a maior parte gosta e tem um grande aprendizado com a vivência, pois assimila experimentalmente: "Ao fim da atividade alguns me dizem: `Essa técnica mudou meu jeito de olhar para tal pessoa que trabalha aqui há anos e eu não tinha percebido´, outros: `Isso me enriqueceu muito, deveríamos fazer mais vezes´. Eles também pedem outras referências e trazem material extra, como notícias que retratam o que falamos em sala de aula".

Do outro lado, parece que a técnica foi efetiva e aprovada pelos alunos. "O conteúdo fica mais palpável e o aprendizado se torna mais tangível quando relacionamos teoria e prática", conta Isabela Chusid, aluna de Administração de Empresas que cursou a disciplina.

Luiz Gustavo Eburneo relata ter se envolvido bastante com a matéria e diz que esse trabalho contribui muito para o lado pessoal e profissional dos estudantes: "Geralmente, não temos noção da realidade das pessoas, mas quando estamos na pele delas chegamos à conclusão do quanto é difícil. Gosto de atividades que me tirem do conforto, porque sinto que aprendo. Levarei isso para a vida, pois alguém que pretende estar na posição de um líder precisa conhecer as pessoas e saber o que elas esperam dele".